



Publicado originalmente em: XIII Encontro Nacional de Geógrafos. João Pessoa, 2002.

## MUDANÇAS NO USO DO SOLO URBANO NO ENTORNO DA FEIRA HIPPIE EM GOÂNIA-GO: O CASO DA RUA 44

Cleusa Silva Ribeiro - E-mail: [cleusaribeiro@ig.com.br](mailto:cleusaribeiro@ig.com.br)

Adauto Rodrigues de Barros

Antônio Marques Felício, Marciano M. Júnior Universidade Federal de Goiás -

Instituto de Estudos Sócio-Ambientais -IESA  
graduando em Geografia– Iniciação à Pesquisa

Trabalho concluído

Orientadora : Profa. Dra. Selma Simões de Castro

### Introdução

A urbanização em Goiânia acelerou a partir da década de 70, conforme dados estatísticos do IBGE (1992). Em 1970 a população urbana exibia 380.773 habitantes, atingindo um total de 717.526 no ano de 1980. A mecanização intensiva que se deu no campo e no país, intensificou o êxodo rural para Goiânia, como acontecem a outras cidades brasileiras, onde assim recebeu milhares de imigrantes sem melhores condições passaram a viver do comércio informal. como vendedores de artesanatos e camelôs, que caracterizavam a conhecida Feira Hippie. Conforme Maia (1997) “essa feira começou em 1969 no Parque Mutirama, depois mudou-se para a avenida Goiás, foi transferida para a Praça Cívica, voltou para a avenida Goiás e desde novembro de 1994 está fixada na Praça do Trabalhador”, onde se encontra até hoje. Sabe-se que em Goiânia há um crescimento de indústrias de confecções, o que pode ser visto nas feiras livres, principalmente na referida Feira Hippie. Isto estimulou o comércio, os investimentos, o turismo, a especulação e o consumo, provocando uma mobilidade sócio-econômica e financeira no local e seu entorno.



Nos últimos anos ocorreram mudanças significativas no espaço onde está localizada a Feira Hippie, dentre elas a da rua 44 e entorno, situado na porção leste da Feira Hippie. O aumento de pontos comerciais instalados no referido local tornou-se um referencial importante para ser identificado e analisado com mais atenção.

O objetivo da pesquisa é identificar os fatores responsáveis pelas transformações de uso do solo urbano ocorridas na rua 44 e entorno. Diante do problema da concentração das atividades comerciais, duas hipóteses podem estar relacionadas com a resposta a esta questão, a saber:

- a. o processo se deu devido à dinâmica de apropriação dos espaços públicos e privados (metropolização), impulsionada pelo sistema capitalista, com a finalidade de reprodução do capital;
- b. a Feira Hippie motiva o crescimento formal de produtos de confecção em seu entorno;

A escolha do tema foi motivada pela necessidade de encontrar as verdadeiras causas que impulsionaram o crescimento comercial e compreender como aconteceram as transformações espaciais, sociais e econômicas nesse setor da metrópole, que vem se expandindo com intensidade.

A revisão bibliográfica priorizou as teorias que abordam a dinâmica estrutural de apropriação dos espaços públicos e privados, através da lógica do sistema de acumulação capitalista. Essa dinâmica de apropriação pode ser observada na rua 44 e entorno.

A transformação do espaço local é visível através da implementação recente de shoppings (Hippie, Espaço da moda, Araguaia, na própria Estação Rodoviária além de futuras novas instalações) e lojas de confecção, o que provoca alterações mais aceleradas no processo de circulação de mercadorias e no ritmo de vida dos moradores locais. As mudanças no comércio são impostas à população local, conforme assinala Carlos (1999, p. 65) “com o desenvolvimento do comércio, e conseqüentemente das cidades e das populações urbanas, o comércio



começa a se impor e a organizar um espaço compatível com seus valores e modo de vida.”

O processo de modernização também pode ser entendido através da adaptação das atividades pré-existentes. Um indicador favorável a esse entendimento é observado através da presença de lojas de produto de confecção outrora existente. Segundo Santos (1985, p. 32) “as modernizações criam novas atividades ao responder a novas necessidades. As novas atividades beneficiam-se com as novas possibilidades, porém a modernização local pode representar simplesmente a adaptação de atividades já existentes a um novo grau de modernismo.”

A globalização da economia reforça a cada dia a dinâmica do capitalismo, que gera transformações, novas situações, ritmos e arranjos. Para isso, surge a necessidade de ampliar o uso do espaço urbano. Nesse sentido, ainda assinala Carlos (1999, p. 49) “é o processo de reprodução do capital que vai indicar os modos de ocupação do espaço pela sociedade, baseados nos mecanismos de apropriação privada, em que o uso do solo é produto da condição geral do processo de produção da humanidade, que impõe uma determinada configuração ao espaço urbano.”

A metropolização é uma realidade marcante neste início de século, o que comprova os interesses do capitalismo que aos poucos vai se apropriando até mesmo de áreas conhecidas como públicas ou de áreas propícias à uma grande expansão comercial. Esse processo pode ser constatado através da criação do Shopping Araguaia). Percebe-se, então, que a expansão provoca as mudanças no espaço de forma direta. Segundo Santos (1985, p. 46) “na medida em que a economia se altera profundamente, assim como a sociedade correspondente, e na medida também em que os tipos de relações econômicas e de toda ordem mudam substancialmente, as cidades se tornam rapidamente outra coisa em relação ao que eram até então.” A mudança de local da Feira Hippie para a praça defronte à Rodoviária causou um grande impacto sócio-econômico no comércio pré - existente na rua 44 e entorno, objeto do presente estudo. O grande potencial da



Feira Hippie está no comércio de confecções, conforme (SEDEM) Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico). A feira liga o polo industrial de confecções existente em Goiânia com os consumidores. Várias lojas, galerias e shopping center se instalaram nas mediações da Feira Hippie, motivados pelo comércio de confecções em Goiânia.

### **Metodologia**

Realizou-se uma análise em documentos consultados em órgão público (SEDEM) Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e empresa privada (Jornal O Popular), obtendo-se informações sobre a transferência da Feira Hippie para a Praça do Trabalhador.

Junto ao IPLAN ( Instituto de Planejamento) da Prefeitura de Goiânia , obteve-se uma planta do local, a qual serviu de base para o mapeamento do uso do solo em campo, enfocando o uso e ocupação dos lotes da rua 44 e entorno.

Elaborou-se roteiros de entrevistas para residentes, restaurantes/lanchonetes, agências de passagens, estacionamentos, shopping, lojas, hotéis e rodoviária, visando reconstruir a história recente das transformações ocorridas. Realizou-se entrevistas, por amostragem proporcional à quantidade de unidades de uso mapeadas no local, correspondendo cerca de 50% de cada tipo de unidade identificada, com o propósito de cobrir ao máximo a realidade do objeto pesquisado. Das 60 unidades mapeadas , 33 foram escolhidas aleatoriamente, dentre elas: 04 agências de passagens; 02 restaurantes/lanchonetes; 07 moradores; 02 estacionamentos; 01 shopping; 12 lojas de confecção; 04 hotéis e 01 rodoviária.

Fez-se uma análise das respostas obtidas, tabulando-se os dados mais relevantes, transformando-os em percentagens. Na etapa final, procedeu-se à interpretação das transformações ocorridas.



## Resultados e discussões

Constatou-se com as entrevistas que a maioria dos moradores encontra-se instalado no setor há bastante tempo ( 58% mais de 11 anos ). Muitos manifestaram descontentamento com a ida da Feira Hippie para lá. A entrevistada Adalgisa Jorge M L. Verde entrou com uma ação no Ministério Público contra o estacionamento de ônibus de turistas/comerciantes em frente às residências, os quais prejudicam a privacidade dos moradores. No abaixo-assinado, foram colhidas 32 assinaturas de moradores mais antigos, os quais em sua maioria, sentem-se incomodados com a sujeira nas calçadas e o aumento do fluxo de pessoas que circulam pelas ruas, principalmente nos sábados e domingos. As pessoas temem por falta de segurança nas ruas e nas residências, tendo em vista o aumento de comerciantes que vêm para esse setor de Goiânia, em busca de comércio, principalmente produtos de confecção. As pessoas mais idosas são as mais prejudicadas e resistentes, conforme disse a dona de casa, Lucinda Barbosa, que possui mais de 70 anos: “Só saio daqui para o cemitério.” Apesar dessa resistência, várias pessoas já abandonaram o local, por não suportar o incômodo referente ao comércio, que se intensifica nos finais de semana. Verifica-se que a maioria dos residentes entrevistados possui casa própria, sendo que muitos deles recebem constantemente propostas de empresas para apropriarem do local, com a finalidade de expandir o seu estabelecimento comercial.

Segundo a entrevistada Ana Maria Barbosa: “O hotel fez proposta para comprar a casa de meus pais e do meu vizinho.” Por ter casa própria, essas pessoas ainda insistem em permanecer no setor. Outro motivo de permanência de alguns moradores no local é o fato de possuírem pontos de comércio. Esses residentes/comerciantes suportam o fluxo de pessoas estranhas, tendo em vista seu interesse comercial. Esses comerciantes recusaram-se a participar do abaixo-assinado, alegando que os ônibus não prejudicam ninguém.

Conforme os moradores entrevistados, a grande motivação do comércio na região é focado na feira Hippie. Para eles, ela é a responsável pelo aumento de



lojas de confecção, agências de passagens e hotéis, o que está provocando a expulsão dos residentes e o inchamento do local, com o comércio. Nas opiniões colhidas, 100% dos entrevistados acreditam fielmente que o local futuramente se tornará um pólo comercial, conforme disse a moradora Ana Maria Barbosa: “Daqui a dois ou três anos haverá neste local, simplesmente comércio.” Observa-se que o comércio no setor encontra-se expandindo rapidamente em função da Feira Hippie.

Observou-se que 90% desse tipo de comércio se instalou naquele local há menos de um ano. O principal motivo de instalação de lojas na rua 44 e seu entorno, é, na opinião de 50% dos entrevistados, o grande centro comercial existente ali. Conforme o economista e proprietário do Imperial Center, Édmo Mendonça Pinheiro, “o setor se tornou num dos principais pólos atacadistas de moda do Brasil e que ainda se encontra em processo de expansão.” E os outros 50% dos entrevistados citaram que a feira Hippie é o principal fator atrativo do comércio de confecção no local. Segundo o advogado e administrador geral do Shopping Hippie, Washington Martins da Silva, “a feira aqui é uma âncora para o comércio local.” Observa-se também uma rentabilidade satisfatória para a grande maioria dos lojistas, pois cerca de 80% dos entrevistados estão satisfeitos. Os dias de maior movimento nas lojas são, conforme 90% dos entrevistados, os sábados e os domingos, o que demonstra a grande influência da feira na região, pois que esta se realiza nos finais de semana. Foi constatado também que o comércio atacadista é responsável por 60% do total de vendas nas lojas de confecção e apenas 40% do total de vendas são feitos pelo comércio varejista.

Conforme a informação da administração do Shopping Araguaia, a instalação deste processou-se de início por uma licitação do governo do estado, em 1998, ganhando a concorrência, a MB Engenharia. Fernando Fonseca de Oliveira, gerente operacional do shopping afirma o seguinte: “Sem a rodoviária não existiria o shopping, portanto, a rodoviária continua no local, oferecendo aos passageiros melhor atendimento e conforto. A relação Shopping-Feira Hippie é boa e esta serve de divulgação para o shopping. As várias galerias de confecções existentes no



seu entorno, não geram concorrência, uma vez que elas tem como objetivo vendas por atacado e o shopping a varejo. O shopping Araguaia é um empreendimento que visa lucros, cujo resultado está sendo satisfatório e o seu crescimento chega a surpreender.”

A dinâmica de apropriação dos espaços públicos e privados (metropolização), impulsionada pelo sistema capitalista, com a finalidade de reprodução do capital, pode ser comprovada através da modernização da rodoviária e da instalação do Araguaia Shopping. O espaço da rodoviária é público e foi concedido a empresa privada, para que fosse administrada e modernizada a fim de atender às necessidades impostas pelo sistema capitalista. Corroborando Santos (1979, p. 29) quando ele afirma que “O fenômeno da modernização tecnológica cria estruturas novas que se impõem às estruturas preexistentes nas cidades, provocando sua modificação ao contato com novas realidades.”

O Shopping Araguaia, instalado por uma empresa privada em uma área pública, é fruto da ocupação dos solos, através da dinâmica capitalista, como explica Carlos (1999, p. 47) “O uso do solo tem sido analisado a partir da classificação fundamentada nos setores de atividade (industrial e comercial) e no residencial.” Sendo assim, o shopping center é uma expressão viva dos mecanismos utilizados pela sociedade econômica atual, que visa maiores lucros, podendo estes ser a médio e a longo prazo. A modernização e a “revitalização” do espaço ocorre no sentido de favorecer mais competitividade e promover uma expansão comercial, tanto no shopping quanto em toda a região.

Constatou-se ainda que a transferência da feira Hippie, da avenida Goiás para a praça do Trabalhador, acarretou notáveis transformações na rua 44 e entorno. Isto pôde ser comprovado quando os comerciantes de forma geral apontam a feira Hippie como o principal motivador do comércio. A Feira Hippie promove o fluxo de consumidores, atrai comerciantes de diversas cidades do



estado e do país, causando uma grande concentração de pessoas e veículos no setor.

Nota-se também que a Feira Hippie possibilitou a instalação de vários pontos comerciais na rua 44 e entorno, dinamizando-os e criando condições para que fortalecesse as relações comerciais. A Feira Hippie atrai, assim, consumidores e comerciantes que reforçam a economia das agências de passagens, turismo, rodoviária e hotéis. Com o desenvolvimento comercial no setor, aumenta a especulação, o desejo de ampliação do espaço privado e da apropriação destes pelos empresários capitalistas. Ocorre então, a valorização dos imóveis, confirmando o que assinala Carlos (1999, p. 47) “todavia, a teoria do uso do solo urbano deve ser analisada a partir da teoria do valor, fundamentada na unidade entre valor de uso e valor de troca.”

## **Conclusão**

Através da análise e interpretação dos dados, constatou-se que as duas hipóteses apresentadas estão relacionadas com a expansão comercial na rua 44 e seu entorno. Observou-se que a dinâmica de apropriação capitalista dos espaços públicos e privados, através da especulação imobiliária e expulsão dos residentes, para a ampliação da mais-valia, encontra-se em franca expansão. O processo de “revitalização” do setor Norte Ferroviário, com interesse de expandir o consumo às áreas periféricas de Goiânia, ficou evidenciado nesse exemplo estudado.

A Feira Hippie desempenha importância econômica para o setor do comércio informal pois que ela tornou-se ponto de referência comercial, no sentido de atratividade para os diversos estabelecimentos.

A rua 44 e seu entorno representado pelos quarteirões adjacentes encontra-se em processo de expansão e transformação do uso do solo, proporcionando uma valorização baseada na especulação imobiliária. No momento o próprio comércio formal e serviços relacionados beneficiam-se do





ponto estratégico em que se situa a Feira Híppie realimentando o processo e confirmando a literatura consultada.

### **Referências bibliográficas**

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

MAIA, Carlos Eduardo S.; COELHO, Tito Oliveira. O comércio varejista periódico no espaço urbano contemporâneo: um estudo da Feira Híppie. Boletim Goiano de Geografia/Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Curso de Geografia, UFG, Goiânia, v.17, n.2, p.1-26, jul./dez., 1997.

SANTANA, Marisa. Pesquisa traça perfil da Feira Híppie. O Popular, 25 julho, 1999. p. 8b

SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos; tradução Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.